

O político e o científico nos estudos da linguagem: uma apresentação ao livro

Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Universidade de São Paulo, Brasil

Larissa Vieira de Cerqueira
Universidade de São Paulo, Brasil

Lucas Pereira da Silva
Universidade de São Paulo, Brasil

Gabriel Isola-Lanzoni
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

De tempos em tempos, somos levados, enquanto atores que ocupam distintas funções nas práticas nas esferas política e científica, a refletir sobre eventos que são perspectivados como emblemáticos, em face de sua ancoragem sócio-histórica. Um desses exemplos é a entrega da faixa presidencial de 01 jan. 2023 ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, uma vez que, em decorrência da ruptura de protocolos causada pelo presidente anterior, promove a inserção de distintos indivíduos representantes de setores sociais em um espaço anteriormente marcado pela admiração distanciada.

Figura 1. Entrega da faixa presidencial a Luiz Inácio Lula da Silva em 01 jan. 2023



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/01/crianca-negra-indigena-mulher-e-pessoa-com-deficiencia-entregam-faixa-presidencial-a-lula.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2024

Para tratar da imagem, esmiucemos a sua composição. Em primeiro lugar, são convidados a subir na rampa do Planalto 8 pessoas, “representativas da sociedade brasileira”¹ (Agência Brasil, 2023): Francisco Carlos Nascimento, criança negra moradora do Itaquera; Aline Sousa, terceira geração de catadores de recicláveis de sua família; Raoni Metuktire, cacique Kraimopyyaka; Ivan Baron, referência na luta anticapacitista; Wesley Viesba Rodrigues Rocha, metalúrgico do ABC Paulista; Murilo de Quadros Jesus, professor de Português e Inglês formado, integralmente, na rede pública de ensino; Jucimara Fausto dos Santos, cozinheira que participou da Vigília Lula Livre pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); e Flávio Pereira, artesão que também participou da Vigília Lula Livre.

No entanto, no contexto de tensões político-sociais, essas 8 pessoas não representam, apenas, 8 movimentos sociais brasileiros. Também são como uma resposta de Lula à ausência de Jair Bolsonaro – tanto na cerimônia de entrega da faixa presidencial, quanto em seus 4 anos de mandato, em relação às demandas dos 8 movimentos sociais presentes no palanque e de tantos outros. Nesse sentido, Francisco Carlos Nascimento representaria uma oposição às diversas declarações de cunho racista do ex-presidente². Aline Sousa seria a retomada de programas voltados para as associações e cooperativas de trabalhadores³. Raoni Metuktire seria todos os indígenas que tornariam a ter seus territórios, recursos minerais e hídricos respeitados no novo governo⁴, e Ivan Baron seria a revogação de políticas capacitistas estabelecidas por Bolsonaro⁵. Wesley Viesba Rodrigues Rocha consistiria na reaproximação do governo federal e dos sindicatos⁶, enquanto Murilo de Quadros Jesus seria

¹ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-01/saiba-quem-sao-pessoas-que-entregaram-faixa-presidencial-lula>. Acesso em: 29 mai. 2024

² Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-na-tv-que-seus-filhos-nao-correm-risco-de-namorar-negras-ou-virar-gays-porque-foram-muito-bem-educados-2804755> e <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-repete-ofensa-que-fez-contranegros-e-quilombolas-tu-pesa-mais-de-7-arrobas-ne/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

³ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-retoma-programa-para-catadores-de-reciclaveis-extinto-por-bolsonaro/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

⁴ Cf. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2236765&fichaAmigavel=nao>. Acesso em: 29 mai. 2024.

⁵ Cf. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10502.htm. Acesso em: 29 mai. 2024.

⁶ Cf. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/03/05/governo-proibe-desconto-imposto-sindical-o-que-muda.htm>. Acesso em: 29 mai. 2024.

a revalorização da educação pública⁷. Por fim, Jucimara Fausto dos Santos e Flávio Pereira seriam uma reafirmação do Lula Livre⁸ frente aos ataques à elegibilidade e à legitimidade da autoridade política do atual presidente.

Em segundo lugar, a imagem é significativa ao retratar a aliança de Lula e Geraldo Alckmin em uma só chapa. Filiado, até 2021, ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), do qual foi presidente em 2017, Alckmin representava, antes, a chapa de maior oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT). De 1994 a 2014, os candidatos desse partido disputaram o favoritismo com os candidatos do PSDB nas corridas à presidência. PT e PSDB firmaram-se, ao longo de duas décadas, como “os dois maiores partidos a competir não somente pelo Executivo Federal, mas também com claros impactos nos demais âmbitos da federação (governos estaduais e municipais)” (Madeira; Vieira; Tarouco, 2017, p. 257).

A imagem congrega essas junções - dos movimentos sociais com o político e das figuras políticas outrora em oposição -, jogando luz sobre os diversos desvios, associações e composições que marcam a movimentação do social. Localizada em um tempo e em um espaço, a imagem responde a outros enunciados⁹, revelando a interseccionalidade de movimentos sociais, de seus valores e de suas (re)organizações. Evidencia, assim, a problemática da relação entre as dimensões da vida social, perspectivadas ora como autônomas, essencializadas, ora como codependentes, indissociáveis.

Frente a essas convergências e divergências, as ciências da linguagem se voltam para os diversos textos produzidos - como este em discussão -, para

⁷ Cf. <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/75466-conhecamos-7-desastres-do-governo-bolsonaro-na-educacao-publica-no-brasil>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁸ Disponível em: <https://lulalivre.org.br/>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁹ A título de exemplificação, podemos retomar a discussão acerca da do acirramento de posicionamentos políticos e ideológicos que marca a contemporaneidade do país. Nesse contexto, o sufixo -ista ganha notoriedade, em produções como *petista* e *bolsonarista*, com sentido de “maneira de pensar, doutrina que alguém segue” (Bechara, 2015, p. 378). Os dados apresentados pela Datafolha em dezembro de 2023 (<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2023/12/20/ngddsuzgayofwhutaxzvj3iyd2va9vfbko-kt3y9unsaglycrdyb.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024) e em março de 2024 (<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2024/03/25/hxnnvpz2mvs5msosj0is3osfvijflucqhw-7mtjnjswq2pszj2h8pheveugt49u-qbzd6uncy5idru2kwegu1a.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024) ilustram como esses grupos têm sido compreendidos em uma dicotomização (petistas e bolsonaristas), o que tem sido objeto de investigação nas humanidades (cf. Oliveira, 2021; Oliveira, Golzio e Souza, 2023).

compreender os posicionamentos, suas relações e suas funções em nossa democracia. Os movimentos sociais, entretanto, não nos são, apenas, objetos de estudo. Eles nos levam a (re)pensar e a (re)avaliar funções retóricas, argumentativas e discursivas do consenso e do dissenso, em diferentes entrecruzamentos entre o formal e o social, o estético e o ético, sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

Neste capítulo, propomo-nos a discutir a relação entre a ciência e o político no âmbito dos estudos da linguagem, buscando sustentar a sua codependência não apenas no âmbito de objetos em investigação, mas também na preocupação de algumas abordagens. Para tanto, endereçamos, na primeira seção, a problemática da essencialização e da indissociação entre a ciência e o político, valendo-nos das reflexões propostas por Latour (2024). Em seguida, discutimos as preocupações sociais de três abordagens dos estudos da linguagem. Na seção final, apresentamos os capítulos que compõem este livro. Encerramos com as referências.

1 A problemática da essencialização e da indissociação da ciência e do político

Ao discutir a indissociação entre a ciência e o político, Bruno Latour (2014) problematiza a característica moderna atribuída à humanidade: a essencialização - e consequente dissociação - das diversas esferas da vida. O autor afirma que “é moderno quem pensa que, em um futuro próximo, a Ciência finalmente vai se apartar, de forma completa, da confusão arcaica com o mundo da política, dos sentimentos, das emoções, das paixões” (Latour, 2014, p. 111). Para o autor, paira uma dúvida - ou uma certeza do contraditório - sobre a possibilidade de se alcançar tal almejada essencialização, entendendo que a separação entre ciência e política seria fruto de apagamentos das redes de dependência do desenvolvimento científico com processos políticos com vistas à promoção do “espírito científico”, nos termos de Bachelard (1996 [1938]), ou à consolidação da individualidade do *cogito*, nos termos de Descartes (2001 [1989]).

Para exemplificar a impossibilidade dessa essencialização, Latour (2014) discute o caso de Arquimedes, apresentado, inicialmente, por Plutarco e

reapresentado pelo estudioso francês: o físico, Arquimedes, queria dedicar-se aos seus estudos em geometria e foi buscar o apoio do rei Hierão. Para tentar convencê-lo a lhe dar o suporte, mostrou-lhe como, com uma corda que acionava roldanas, era capaz de arrastar um barco com três mastros repleto de soldados, sem sacudi-los. Hierão, impressionado com a inversão da relação de forças - o ancião conseguira ser mais forte que o barco - questionou-se se Arquimedes também não conseguiria inverter, com a ciência, a relação de forças entre romanos e Siracusa, em guerra. Com o princípio da alavanca, então, mudou-se a escala das máquinas utilizadas em batalha, e a poliorcética permitiu que Arquimedes “sozinho defende[sse] Siracusa de todos os romanos” (Latour, 2014, p. 21).

Eis a grande questão: a técnica dos cercos militares ocupou os engenheiros por dois mil anos depois desse episódio. Isso porque, naquele momento, não interessava a ninguém, nem mesmo a Arquimedes, registrar a invenção militar. A Arquimedes interessava, apenas, o patrocínio do rei para o desenvolvimento puro da ciência - e a poliorcética representava, para ele, apenas um *meio* para conseguir isso. Ao rei interessava defender Siracusa dos romanos, e esses foram, de fato, derrotados. Passado esse confronto, Arquimedes voltou-se para seu interesse “pela ciência pura, aquela cuja demonstração se apoia somente em si própria e que pode ser chamada de sobrenatural” (Latour, 2014, p. 23). Mas ora, por mais que se compreenda uma ciência autônoma e, em sua relação com a política, a última faça usos pontuais da primeira, não se desenvolveu uma ciência prática nessa situação, ou seja, não se inventou a poliorcética sem o apoio do rei, tampouco se pôde fazer ciência pura sem o interesse político. Por outro lado, não haveria êxito militar - não se cumpririam os interesses políticos - sem o interesse da ciência. Disso decorre a defesa de indissociabilidade de Latour (2014, p. 62-63):

[...] atualmente não há agricultura que não passe em demasia por um laboratório de genética ou, ao menos, pelo filtro de um seletor de grãos; nenhum vereador decide uma ação sem receber a influência do parecer de um sociólogo ou de um urbanista; nenhuma jovem mãe faz um gesto que não esteja influenciado por um tratado de pediatria ou pela opinião de um psicólogo; não há disputa amorosa que possa prescindir Freud. [...] quanto mais avançamos no tempo, menos fica possível distinguir a ação humana, o uso das técnicas, a passagem pelas ciências e a invasão da política.

Embora o exemplo enfoque a área que, posteriormente, ficou conhecida como Física, podemos expandir essa reflexão para a área de estudos da linguagem, uma vez que reconhece a influência - ou, poderíamos dizer, codependência - do social sob o científico na proposição de abordagens ou teorias. A título de exemplificação, podemos tratar brevemente dos casos dos estudos bakhtinianos da linguagem e dos estudos críticos do discurso.

Os interesses de Mikhail Bakhtin encontraram os interesses da colônia russa de Vilno, onde residiu entre 1905 e 1912. Apesar dos interesses centralizadores e silenciadores do governo russo - que impunha o russo como a língua oficial e a ortodoxia russa como religião oficial -, a capital da Lituânia tinha, então, uma vivência heterogênea no cotidiano: sua população era formada por poloneses, lituanos católicos e alguns judeus que falavam o ídiche. A cidade era como "um museu de culturas contrastantes tanto no que diz respeito à variada arquitetura, como à mistura de línguas, culturas, grupos étnicos" (Brait, 1998, p. 166). Daí a importância dos conceitos da *heteroglossia* e do *plurilinguismo* em sua filosofia da linguagem. Por isso, para Bakhtin (2017), a morte absoluta é o estado de não ser ouvido, de não ser lembrado, de não ter seu centro de valores reconhecido pelo outro.

No âmbito dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), Wodak e Meyer (2016) reconhecem que o endereçamento de problemas sociais são o ponto de partida de investigações de qualquer abordagem da perspectiva, o que as tornam interdisciplinares e ecléticas. Os autores especificam ao afirmar que

as abordagens dos ECD são caracterizadas pelo interesse comum de desconstruir ideologias e poderes por meio da investigação sistemática e abdução de dados semióticos (escritos, falados ou visuais). Os pesquisadores da ECD também procuram tornar explícitas suas próprias posições e interesses, ao mesmo tempo que mantêm suas respectivas metodologias científicas e permanecem autorreflexivos em relação ao seu próprio processo de pesquisa (Wodak; Meyer, 2016, p. 4).

Nesse sentido, os interesses políticos encontram-se diretamente associados aos interesses da investigação científica.

Sobre isso, torna-se produtivo retomarmos Latour (2014, p. 30) no que se refere à discussão, a partir dos estudos etimológicos, do sentido de *interesse*: "o interesse é o que se situa entre duas coisas [ou mais]: *inter-esse*". Para o

autor, o *inter-esse* das ciências da linguagem e da política, bem como dos movimentos sociais, têm valor epistemológico: determinam que, em cada etapa do desenvolvimento social, tenha havido um destaque a um conjunto específico de objetos - e não de outros -, ao qual se fazem determinadas perguntas - e não outras -, a serem respondidas pelo aporte teórico-metodológico que se julgar, então, mais adequado ou conveniente.

A escolha, aqui, pelos dois adjetivos - *adequado* e *conveniente* - se deve ao fato de que, nos estudos do texto e do discurso, compreende-se, cada vez mais, que o percurso da construção do conhecimento não é unidirecional, ao longo do qual se acumulam progressivamente resultados e se provam as técnicas. Ao contrário, compreende-se que o desenvolvimento do conhecimento científico resulta de constantes controvérsias e remodelações - características do fazer científico¹⁰ - em face de novas reflexões, em face de novas reflexões sociais. Admitir que a construção do conhecimento se faz por *inter-esses* de sujeitos que promovem desvios e, por vezes, cisões com o percurso, como no caso de Arquimedes, possibilita abrir-se para (re)definições de objetos, de métodos, a partir do contato com outros olhares - tão legítimos e necessários quanto o nosso.

A proficuidade do encontro entre olhares - entre *inter-esses* distintos - se expressa nos 21 capítulos que compõem este livro. São diversas as abordagens - teóricas e metodológicas - que conduzem as discussões promovidas. Destacaremos, contudo, apenas 3 na seção seguinte, para ilustrar a indissociabilidade de perspectivas científicas com o social.

2 A relevância do social nos estudos discursivos

Mais do que assumir questões sociais como objetos de pesquisa, perspectivas discursivas apresentam forte impacto do social em seu cerne, sinalizando a indissociabilidade entre o social e o científico.

No caso de Bakhtin e o Círculo, podemos citar três obras em que fica claro como sua proposta teórico metodológica fundamenta-se em uma concepção

¹⁰ Para uma discussão acerca de visões sobre o fazer científico, cf. Gil *et al.* (2001) - sobretudo, a discussão acerca da *visão acumulativa de crescimento linear* dos conhecimentos científicos - e Isola-Lanzoni & Gonçalves-Segundo (2024).

de língua/linguagem essencialmente social: i. *Problemas da obra de Dostoiévski* (Bakhtin, 2022[1929]); ii. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem* (Volóchinov, 2017[1929]); e iii. *O método formal nos estudos literários: introdução à crítica de uma poética sociológica* (Medviédev, 2019[1928]).

Na primeira obra, Bakhtin (2022[1929], p. 183-184) afirma: “A palavra é social por natureza. A palavra não é um objeto, mas um meio de comunicação social em eterno movimento [...] Em qualquer época, todo grupo social possui sua percepção da palavra e seu diapasão de possibilidades verbais”. As dinâmicas sociais são, portanto, complexamente construídas pela/na linguagem. Por isso o registro linguístico flagra as constantes mudanças da vida. Ao aspecto social, estão concatenadas as condições históricas e econômicas, de onde nascem os diversos estilos linguísticos. Bakhtin explica que “[...] a principal questão à qual deve responder a sociologia do estilo é sobre as condições históricas e socioeconômicas do nascimento desse estilo” (Bakhtin, 2022[1929], p. 272).

Na segunda obra, um dos conceitos fundantes é o de signo ideológico. Volóchinov (2017[1929]) questiona o dualismo entre o interior e o exterior, entre o individual e o social, e a primazia dos primeiros, na perspectiva do subjetivismo individualista, representado por Humboldt; e dos segundos, na perspectiva do objetivismo abstrato, representado por Saussure e Bally. Por um lado, o linguista russo compreende que a vivência expressa e a sua objetivação exterior são criadas a partir do mesmo material, o signo, cujo centro organizador e formador não se encontra dentro do indivíduo, mas no exterior. A compreensão de signos, desse modo, ocorre apenas na relação de um signo com outros signos já conhecidos, isto é, a compreensão responde ao signo e se faz por meio de signos. Por outro lado, a consciência, enquanto expressão material organizada em signos ideológicos, não está acima da existência – como no objetivismo abstrato do estruturalismo de Saussure, que a compreende como leis linguísticas inatas a um sistema estável e imutável de formas normativas e idênticas; tampouco permanece na cabeça do sujeito que pensa – como no subjetivismo individualista de Humboldt, que a entende como leis de criação individuais e psicológicas. Ela é parte da existência, é constituída

por signos ideológicos – signos da existência – e tem a capacidade de desempenhar um papel *na* existência.

Na terceira obra, Medviédev (2019[1928], p. 44) propõe “um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica”. Ele esclarece que esses campos são, por exemplo, “da arte, da ciência, da moral, da religião” (Medviédev, 2019[1928], p. 44) e que cada um deles tem sua linguagem, marcando a diversidade de que se constitui a sociedade. O posicionamento ideológico desses grupos se realiza por meio da linguagem. Medviédev (2019[1928], p. 48) defende que “as concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras”.

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD), enquanto abordagem interdisciplinar, recorre a e se baseia em investigações de diversas e variadas áreas do conhecimento, como linguística, sociologia, estudos culturais, dentre outras, assumindo em seu bojo, enquanto princípio norteador, o compromisso com a mudança social. Seu objetivo, portanto, consiste em buscar jogar luz sobre discursos que contribuem para a construção e, mais importante, reprodução de estruturas de poder, de ideologias e de relações de desigualdade, para, então, criar subsídios para a mudança social.

Torna-se saliente, dessa forma, o quanto os ECD se preocupam com um *problema de natureza social*. Podemos retomar a citação de Wodak e Meyer (2016, p. 4) que tratamos na seção anterior:

[...] os Estudos Críticos do Discurso (ECD) como escola ou paradigma são caracterizados por um conjunto de princípios: todas as abordagens dos ECD são caracterizadas pelo interesse comum de desconstruir ideologias e poderes por meio da investigação sistemática e abdutiva de dados semióticos (escritos, falados ou visuais). Os pesquisadores da ECD também procuram tornar explícitas suas próprias posições e interesses, ao mesmo tempo que mantêm suas respectivas metodologias científicas e permanecem autorreflexivos em relação ao seu próprio processo de pesquisa.

Nessa esteira, lançando mão de recursos que permitem a análise de relações de poder que circundam a dinâmica social e que, por sua vez, podem ser acessadas por meio de pistas linguísticas nas diversas materialidades

textuais, a Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo como expoentes teóricos Norman Fairclough, Teun van Dijk e Ruth Wodak, volta-se, especialmente, para a textualidade, que nos permite flagrar situações de injustiça, que se calcam numa dinâmica de desigualdade e que, portanto, possibilitam a interconexão com movimentos sociais.

A organização, a manutenção e, mais importante, a motivação por detrás de movimentos sociais, na busca por mudanças concretas das dinâmicas que sustentam nossa organização social, acabam sendo observáveis por meio de elementos constitutivos desses modos de organização textual e discursiva, tais como a formação de uma identidade coletiva, o reconhecimento da necessidade de resposta a injustiças observáveis ou ainda a experiências de opressão, a mobilização de recursos – humanos, tecnológicos, financeiros, dentre outros, necessários para o engajamento, organização e financiamento de indivíduos e entidades em prol de determinada causa –, o desenvolvimento de estratégias necessárias à concretização dos objetivos defendidos em suas pautas e a identificação e caracterização do contexto social e político que circunscreve a dinâmica das relações.

Valendo-nos, pois, especificamente, do modelo tridimensional de Fairclough, torna-se saliente a contribuição da ACD no processo de representação, (inter)ação e identificação – modos sociossemióticos relativamente estáveis de representar, agir e ser, respectivamente, noções estas constitutivas das Ordens do discurso. Ordens do discurso são, por seu turno, um dos elementos que constituem as Práticas Sociais, entendidas como “modos rotinizados, ligados a espaços e tempos particulares, por meio dos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir conjuntamente no mundo” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 21) e que têm uma relação dialética constitutiva com as Estruturas Sociais, entendidas como as “condições de fundo duráveis que sustentam a vida social, mas que podem ser transformadas vagarosamente por ela” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 22).

Longe de incorreremos no equívoco da hipergeneralização de que a Estrutura seria apenas restritiva – afinal, enquanto elemento sistematizante acaba sendo, também, facilitadora –, salta-nos aos olhos, porém, que, diante das diversas e ricas pautas levantadas em nossa sociedade contemporânea, a

exemplo das apontadas no início de nosso capítulo, a ACD, na articulação com movimentos sociais, propicia a identificação de espaços de agenciamento nas mais diversas Práticas, a fim de valer-se de brechas e de possibilidades de mudança das Estruturas¹¹.

Referenciando, novamente, os movimentos sociais representativos e representados pela figura dos atores sociais elencados no início deste capítulo introdutório, junto deles se torna inevitável rememorar momentos em nossa história recente em que tais movimentos foram colocados à margem das prioridades das figuras responsáveis por representar a presença do Estado. Um movimento de resposta a essa articulação de marginalização, não raro, joga luz sobre desacordos que atravessam a disputa entre a tentativa de manutenção e o movimento ativo de mudança que, dialeticamente, constituem a tensão entre a perpetuação hegemônica e a resistência, o que nos aproxima dos Estudos Argumentativos.

Os Estudos Argumentativos, que datam desde os clássicos, mas que ressurgem em meados da década de 1950 com a publicação do *Tratado da argumentação: A Nova Retórica* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002[1958]) e *Os usos do argumento* (Toulmin, 2006[1958]) - ambos publicados em 1958 -, se concentram sobre o estudo do conflitual. Baseada, originalmente, na tríade da retórica, lógica e dialética, os estudos da Argumentação se preocupam ora com eficácia persuasiva e de suas estratégias (com destaque aos acordos), ora com a estrutura dos raciocínios e a consistência de suas fundamentações, ou ainda, com o contato de pontos de vista e a resolução das diferenças de opiniões. Mais recentemente, tem ganhado notoriedade a relevância da propriedade sociosemiótica, propriedade essa que se ocupa das modalidades semióticas do ato de argumentar, sendo influenciadas pelos modos de representar, agir e ser, que são características da coerção discursiva, elemento constitutivo do processo argumentativo (Gonçalves-Segundo, 2023).

A interconexão constitutiva das propriedades argumentativas nos permite entender o rico aparato passível de mobilização quando em face do desacordo, especialmente aquele de visada mais explicitamente social, como

¹¹ Sobre isso, destacam-se os trabalhos de Viviane de Melo Resende, cf. Resende e Rodrigues (2024) e Ventura, Tavares e Resende (2022).

o que temos mencionado, remetido a e referenciando ao longo deste capítulo. Em face de situações de desigualdade, que estão no seio de movimentos sociais, a Argumentação se torna uma importante ferramenta de aproximação intercultural¹², assim como de exercício da cidadania, na medida em que se constitui enquanto um mecanismo de defesa da plausibilidade de posições alternativas no arena pública, o que traz para a superfície a presunção importante de que o desacordo precisa, antes de qualquer coisa, do pano de fundo da democracia para que possa comportar vozes dissonantes. Isso, por seu turno, contribui, significativamente, para a formação de uma educação cívica consciente, para uma sociedade efetivamente engajada e para a concretização de uma consciência crítica dos direitos e deveres que derivam de e que constituem o jogo das sociedades.

3 Apresentação dos capítulos deste livro

Este livro é composto - para além deste capítulo introdutório - por 21 capítulos que refratam investigações levadas a cabo por pesquisadores vinculados a variadas instituições nacionais e internacionais, dos mais variados níveis de formação de pós-graduação. Os capítulos resultam das apresentações realizadas no âmbito da décima quarta edição do Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Discursivos da USP. Para compor este livro, contudo, os capítulos foram submetidos a um processo editorial de avaliação duplo-cega por pares. Apenas aqueles aprovados e modificados pelas autorias foram integrados ao livro.

Apresentamos, a seguir, cada capítulo do livro.

Neste livro, Adelmo Cordeiro Galindo e Paulo Roberto Gonçalves-Segundo se debruçam sobre a investigação em torno do aborto - um tema social capaz de suscitar debates em diversos meios -, tomando como objeto um artigo de opinião que aborda um caso de gravidez fruto de violência. No capítulo "Impolidez, desacordo e avaliatividade: por um procedimento de análise para caracterizar a violência verbal", Galindo e Gonçalves Segundo

¹² Para uma discussão acerca do papel da argumentação na interculturalidade, cf. Isola-Lanzoni & Da Silva (2024).

elencam a polemicidade, a gestão de desacordos e a violência verbal como critérios a partir dos quais lançam seus olhares analíticos sobre uma sequência de comentários a serem analisados, lançando mão de conceitos caros aos estudos da polêmica, do desacordo, da impolidez e da avaliatividade. Seu empreendimento analítico permitiu examinar as condições interacionais que facilitam o surgimento da violência verbal, as estratégias de sua manifestação nos comentários analisados, além das suas conexões com os desacordos subjacentes, os quais estruturam dinâmicas identitárias e vínculos discursivos.

Em “Nova geração: a representação do Brasil na trilogia de jogos Street Fighter III”, André de Oliveira Matumoto discute a representação do país, ancorando-se na Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988; Van Leeuwen, 2005) e nos estudos críticos do discurso (Machin; Mayr, 2012; Van Leeuwen, 2008). Desse modo, explicita representações presentes nos três jogos, que ora conectam-se a jogos anteriores, ora apresentam inovações na construção do Brasil nos videogames. Especificamente, Matumoto nota a transição da Amazônia como sinônimo do Brasil para um Brasil urbanizado na virada do século.

Camille Guinchard-Libersac realiza um estudo comparativo em torno de representações sociais da população *trans* no Brasil e na França em “Identidades de gênero e identidades discursivas: estudo sobre a construção do ethos das pessoas trans”. A partir de discussões desenvolvidas por Haraway, Maingueneau, Charaudeau, Bucholtz e Goffman, analisa elementos do discurso endógenos (relativos a como a comunidade trans se percebe) e exógenos (relativos a como a comunidade trans é percebida) na construção do *eu* em entrevistas semi-dirigidas que abordam o histórico familiar, educacional, profissional e social de mulheres *trans*. Como resultado, explicita diferentes recursos multissemióticos pelos quais essas mulheres, tão enfraquecidas pela sua marginalização sistemática nas sociedades, requerem a validação do *passing* pelo seu interlocutor. Lança-se luz, desse modo, sobre o processo de materialização de uma fala em tensão, entre diferentes imaginários e representações sociais.

Em “Estratégias argumentativas da publicidade veiculada em mídias digitais: o caso da marca quem disse, berenice?”, Denise Durante direciona seu olhar analítico para a dimensão publicitária da dinâmica que se dá na sessão de

comentários de uma postagem do perfil da marca de cosméticos no Instagram. A pesquisadora lança luz sobre os elementos lexicais a fim de identificar estratégias de interação mobilizadas pela marca em seu perfil na rede social e, para isso, mobiliza conceitos pertinentes à Análise Crítica do Discurso, em especial, a perspectiva anglo, a partir dos estudos faircloughianos. Sua contribuição nos apresenta uma dinâmica por meio da qual é possível observar efeitos persuasivos de vinculação afetiva dos consumidores com a marca diversamente do que se observa na publicidade das mídias tradicionais.

Iran Ferreira de Melo, no capítulo “Linguagem Inclusiva de Gênero: fundamentos e manifestações”, propõe-se a discutir os fundamentos da LIG (Linguagem Inclusiva de Gênero), ora denominada também como Linguagem Altruísta de Gênero e como Linguagem Disruptiva de Gênero. Para a discussão, Melo reflete sobre o que é gênero, assim como linguagem não-binária e não binariedade para endereçar a problemática de discursos glotofóbicos e o impacto na vida de pessoas trans (transexuais e travestis). Melo defende que a criação de alternativas ao masculino genérico não apenas promove a visibilidade para parte da população, mas também cria visões de mundo mais diversificadas.

Em “A campanha lado B do Ifood e a complexidade nas relações no trabalho digital: desvelando outras revascularizações”, Jackelin Wertheimer Cavalcante e Renata de Oliveira Carreon refletem sobre discursos que permeiam as relações entre trabalhadores do novo proletariado de serviços na era digital. Nas perspectivas da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2019, 2021; Dias, 2018, 2019) e da Linguística Popular (Preston, 2021), desvelam como a linguagem no material coletado pela reportagem realizada pela apublica.org (04.04.2022) se relaciona com uma construção ideológica propulsora de metadiscursos. Por se inscreverem em situação de obstruções discursivas de diferentes naturezas, os discursos depreendidos da reportagem permitem acessar vozes e entrever processos de revascularização discursiva (Baronas; Lourenço, 2022) simples, complexas e até mesmo de outras naturezas, segundo as autoras.

Juliana Chaves Farias Ferreira debruça-se, no capítulo intitulado “Perspectivas sobre a autoria na comunidade discursiva universitária”, sobre o processo de construção de autoria de alunos de graduação na elaboração de

TCCs por meio da contraposição de versões distintas de elaboração dos trabalhos. Enfocando na primeira versão de três TCCs, Ferreira identifica fenômenos de substituição, supressão e acréscimo por parte dos/as graduandos/as em relação a outras vozes trazidas por meio de citações. A autora defende que esses fenômenos consistem em sinais da função-autor em criação na elaboração dos TCCs.

No capítulo “A voz imortal de Maria: análise da construção do auditório de Castro Alves e do discurso de uma mulher negra em um poema do autor”, Kelly Rufino parte da Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca para analisar o poema “A Cascata de Paulo-Affonso”, de Castro Alves. Rufino defende a existência de um auditório específico constituído senhores de escravos, que eram homens brancos da elite social e econômica brasileira do século XIX. Além disso, afirma que a construção do eu-lírico feminino por Castro Alves, sendo homem, poeta romântico, branco, heterossexual e religioso é a de uma mulher escravizada que seguia valores cristãos como a honra, o temor a Deus, a castidade e o medo da vingança.

Em “Discurso presidencial do Dia da Mulher de 2022: uma análise dialógica”, Larissa Vieira de Cerqueira investiga marcas linguístico-ideológicas presentes no tratamento dado à mulher no discurso presidencial de Jair Bolsonaro em 8 de março de 2022. Apoiando-se teórico-metodologicamente nos conceitos de discurso alheio, de Volóchinov, e de verbo-visualidade, conforme Brait, evidencia tensões presentes nesse discurso: ainda que se tratasse de uma homenagem ao dia das mulheres, o ex-presidente dirige-se, especificamente, aos seus pares, militares e demais apoiadores de seu governo presentes na plateia. Apesar do caráter oficial, Bolsonaro trata de sua vivência individual em família e evoca a particularidade de sua religião. Como resultado, Cerqueira explicita as relações de poder presentes na representação ideal da mulher cisgênero, religiosa, mãe, esposa, trabalhadora, romântica, ingênua, pura e nacionalista.

Leonardo Gonçalves de Lima, no capítulo “Museu digital e Museu físico: uma abordagem discursiva”, apoia-se no conceito de deriva de Michel Pêcheux, da Análise do Discurso (AD) francesa, e no conceito de distância de Dragos Simandan, da geografia humana, para analisar duas interações entre visitantes e objetos museológicos: i. no Museu da Pessoa (MuPe), em seu

espaço digital, a história “A saga das mulheres de Jesus”, criada por uma das visitantes-internautas, se torna acervo; ii. na Galeria Nacional de Londres, em seu espaço físico, o grupo *Just Stop Oil* se manifesta diante de uma pintura da série “Os Girassóis”, de Van Gogh. Lima defende que a distância entre os museus e visitantes não é medida apenas de forma física, mas o é a partir do ponto zero da enunciação segundo Benveniste, o que, segundo ele, mostra que a experiência da distância é uma experiência da linguagem. Além disso, conclui que, seja digital, seja fisicamente, a obra museológica remete ao invisível, pelo fato de ser enunciado, cuja/o interpretação/sentido é vária/o.

Em “Semiótica e big data: o valor da ‘textualização’ na lógica capitalista da cultura dataficação”, Letícia Moraes promove um debate teórico acerca da textualidade em contexto do *big data* a partir do arcabouço teórico da semiótica discursiva. Colocando em diálogo os estudos das ciências da computação e os estudos de semiótica, Moraes defende que a característica marcante do *big data* é o seu caráter (multi)semiótico, por textualizar práticas sociais que requerem suportes estáveis para que análises de comportamento possam ser realizadas.

No capítulo “A construção do ethos discursivo na transmissão de Quincas Borba em apostilas de Português”, Lilian Barros de Abreu Silva propõe-se a analisar formas de construção do *ethos* discursivo de sistemas educacionais que ofertam cursos de preparação para provas de vestibulares. Para tanto, Silva enfoca as formas como os sistemas educacionais transmitem a obra *Quincas Borba* nas apostilas. Valendo-se dos estudos de *ethos* discursivo, fortemente inspirados em Dominique Maingueneau, e dos estudos de Crítica Textual, a autora conclui que as transmissões da obra são marcadas por supressões e descontextualizações, o que levaria a um ensino de literatura acrítico.

Lucas Pereira da Silva, no capítulo “A representação do professor na discursividade do Escola Sem Partido: uma proposta analítica”, se dedica à análise dos recursos mobilizados para a representação da figura do professor em um artigo de opinião. Para isso, vale-se do conceito de Posicionamento Epistêmico como recurso pertinente à análise argumentativa e discursiva. Nesse sentido, o autor se debruça sobre o mapeamento da analogia que estrutura o texto que versa sobre a disputa em torno do Escola Sem Partido, atentando-se à pertinência da mobilização dos recursos de evidencialidade e

de modalidade epistêmica, bem como se voltando para os recursos mobilizados à representação do professor por parte do articulista, observando as flutuações terminológicas típicas dessa discursividade à qual se filia.

Em “Uma análise discursiva crítica e dialógica de notícias sobre o “Brazil” na Copa do Mundo de 2022”, Marcos Luis Gomes Maciel e Deize Crespim Pereira se debruçam sobre o processo de construção de representações do Brasil por meio da perspectiva de meios de comunicação jornalísticos de outros países de língua inglesa, mais especificamente, jornais britânicos e estadunidenses. Partindo de conceitos como os de heterogeneidade, hibridismo, metáfora e metonímia, calcados no arcabouço da Análise Crítica do Discurso de Fairclough, do Dialogismo de Bakhtin e da Teoria das Metáforas de Lakoff, os autores apresentam uma análise que joga luz sobre a detalhada relação metonímica entre a figura do país e a seleção brasileira presente no Campeonato Mundial de Futebol da FIFA no Catar.

Em “Reescrita, estilo e autoria”, Raquel Lima Silva Costa busca compreender como estratégias linguísticas referentes à reescrita - acréscimo, supressão, deslocamento e substituição - atrelam-se às noções de estilo e de autoria. Ancorando-se no paradigma indiciário de Ginzburg, analisa dois textos de estudantes do ensino médio técnico de uma instituição federal de ensino vinculados ao projeto Clube da Escrita. A autora contribui, desse modo, com as discussões em torno da escrita como ato singular, em que os sujeitos implicam-se em atividades de natureza epilinguística.

Roberto Leiser Baronas e Marilena Inácio de Souza, em “Notas sobre inscri(ssurei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas”, visam apresentar como alguns grupos sociais minoritários, especificamente, coletivos de alunos, praticamente invisíveis à opinião pública, por não estarem vinculados a uma instituição de classe como a União Nacional dos Estudantes - UNE, constroem, por meio de práticas discursivas, estratégias discursivas de ressignificação e de revascularização dos insultos e dos diferentes ataques que recebem de boa parte das instituições e da sociedade brasileira. Trata-se de uma proposta teórico metodológica para a compreensão de inscri(ssurei)ções, lugares em que a memória deixa as suas marcas, falando de feridas abertas e lidando com essas feridas, buscando curá-las e cicatrizá-las.

No capítulo “As reações críticas em uma interação polilocal no Reddit: um debate sobre a contratação de pessoas não vacinadas contra a COVID-19”, Sandra Gomes Rasquel discute como participantes da rede social Reddit, subreddit r/brasillivre, reagem criticamente aos argumentos em uma interação polilocal, buscando compreender o papel das reações críticas na negociação de pontos de vista sobre um tema em debate. O *corpus* consiste em uma interação polilocal que coloca em discussão a pertinência e a desejabilidade da contratação ou não de pessoas não vacinadas contra a COVID-19. Ancorando-se no debate sobre reações críticas (Krabbe; van Laar, 2011), polílogos (Kerbrat-Orecchioni, 2004; Lewiński, 2013; Gonçalves-Segundo, *no prelo*) e argumentação prática (Fairclough; Fairclough, 2012; Gonçalves-Segundo, 2021; 2023), Rasquel demonstra que há um desacordo sobre as circunstâncias negativas vigentes que resultaram na emergência de um problema prático e sobre o Objetivo a ser atingido, bem como sobre os valores e suas hierarquias.

Thais Rosa Viveiros tem como foco os eventos de linguagem que materializam uma concepção de saúde socioemocional em um texto publicado no *Blog dos Colégios*, disponibilizado no site do Estadão. Ancorando-se teórico-metodologicamente em Maingueneau, Foucault, Dardot e Laval, realiza uma leitura interpretativo-analítica desse texto que desvela como a saúde socioemocional pode ser compreendida como uma mercadoria - consequência da dinâmica neoliberal e do cruzamento de formações discursivas. “Discursos sobre educação: a saúde socioemocional como mercadoria” localiza-se, desse modo, entre pesquisas que investigam o instanciamento da novidade e da tradição em educação, em suas convergências e divergências.

Viviane Mendes Leite, no capítulo “O signo ideológico “refugiado” nas esferas literária e jornalística”, baseia-se no conceito volóchinoviano de signo ideológico para analisar a obra *Dois meninos de Kakuma* de Marie Ange Bordas, que se passa no campo de refugiados em Kakuma, localizado no noroeste do Quênia, e uma notícia de primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* sobre refugiados do mesmo país. Leite considera as particularidades das diferentes esferas: a literária, com a subjetividade, e a jornalística, que pretende a objetividade, mas destaca que, em ambas, o posicionamento valorativo e

ideológico está marcado verbo-visualmente. Ela conclui que, enquanto na narrativa, os refugiados Gedi e Deng são protagonistas, corporificam-se, têm sentimentos, lembranças e ganham humanidade, estabelecendo conexão com o leitor, na notícia, a refugiada Salado dorme passivamente, sem voz, enquanto sua humanidade está no mesmo patamar das moscas que ocupam seu rosto.

Viviane de Melo Resende e Sinara Bertholdo, em “Racismo, mídia e futebol: efeitos do discurso antirracista no caso Vini Jr.”, enfocam o ataque racista sofrido pelo jogador brasileiro de futebol José Paixão de Oliveira Júnior, mais conhecido como Vini Jr., e a resposta do jogador nos dias que seguiram ao ataque. As autoras propõem-se a discutir potenciais efeitos da inovação da resposta de Vini Jr. na prática, o que tornaram o caso distinto de episódios anteriores. Para tanto, Resende e Bertholdo mapeiam, a partir dos estudos da Análise de Discurso Crítica (ADC), relações entre a prática reiterada de racismo contra Vini Jr., a reação do jogador nas redes sociais e as possíveis articulações de sua reação com discursos do movimento antirracista. As autoras atribuem, centralmente, à posição insubmissa do jogador e à alta distribuição de sua reação nas redes sociais a responsabilização da repercussão internacional e política do ataque, o que promoveu uma série de medidas adotadas por distintas instituições, com vistas a evitar a emergência de novos casos. Isso ilustra o que as autoras destacam ao final do capítulo: a relação dialética entre linguagem e sociedade no enfrentamento de injustiças sociais.

Por fim, no capítulo “‘YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET?’: considerações sobre a legitimação do ativismo digital no campo da esquerda”, Winola Weiss discute a militância em ambientes digitais. Para isso, vale-se de um olhar analítico minucioso, mobilizando conceitos pertinentes da Linguística Cognitiva, da Argumentação, da Análise Crítica do Discurso e de sua vertente cognitivamente orientada, com especial foco à noção de Proximização, cara ao desenvolvimento da noção de Movimentação Epistêmico-Axiológica enquanto estratégia discursiva multidimensional e como metodologia de análise, proposta pela autora. Em seu empreendimento analítico, a pesquisadora nos conduz no sentido de evidenciar a estratégia de refutação de uma visão cética a respeito do ativismo digital, com especial objetivo de assumir uma posição de responsabilidade por divulgar discursos e pautas dos movimentos

feministas, negros e LGBTQIAPN+, posição essa assumida pelas figuras militantes do vídeo que analisa.

Os 21 capítulos deste livro, desse modo, demonstram como, na construção do conhecimento sobre práticas sociais, práticas de linguagem, cruzam-se diferentes inter-esses de propostas teórico metodológicas de fazer científico e de outros campos ideológicos, expressões sociais que abarcam distintas ações e estados da atividade humana - convergentes ou divergentes - dando-lhes distintas ênfases valorativas. Na não existência de verdades ontológicas - científicas e sociais - que antecipam e fundam verdades ônticas, encontra-se a importância dos capítulos que compõem este livro: estão em relação de mútua influência com os diversos campos do mundo verboideológico. São, ao mesmo tempo, constituídos por diferentes inter-esses da existência e têm a capacidade de desempenhar um papel na existência, lançando um outro olhar para antigos inter-esses ou lançando luz sobre novos inter-esses sociais.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1938].

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro&João, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da obra de Dostoiévski**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório e prefácio de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2022 [1929].

BECHARA, Evanildo. Sufixos. In: BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 375-383.

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: movimentos de reconstituição da história de um pensamento. **Revista USP**, n. 39, p. 158-173, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35080>. Acesso em: 06 jun. 2024.

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh University Press, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/9780748610839>.

DESCARTES, René. Discurso sobre o Método. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1989].

GIL, Daniel et al. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1516-73132001000200001>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Argumentação prática**: teoria, método e análise. 2023. 395p. Tese de Livre-docência - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ISOLA-LANZONI, Gabriel; DA SILVA, Lucas Pereira. O lugar da argumentação na interculturalidade: reflexões a partir do curso *Problems in the Anthropology of Argument*. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes (Orgs.). **Argumentação e discurso na multidisciplinaridade**. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 89-116.

ISOLA-LANZONI, Gabriel; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Os discursos sobre ciência na polêmica em torno da segurança das vacinas: explorando as propriedades lógica, retórica, dialética e sociossemiótica da argumentação. In AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; SEIXAS, Rodrigo. **Argumentação e conflito: polêmicas em sociedade**. Campinas: Pontes Editores, 2024.

LATOUR, Bruno. **Cogitamus**. Seis cartas sobre as humanidades científicas. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: 34, 2014.

MADEIRA, Rafael; VIEIRA, Soraia; TAROUÇO, Gabriela. Agendas, preferências, competição: PT e PSDB em disputas presidenciais. **Caderno CRH**, v. 30, n. 80, p. 257-273, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792017000200004>.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **Método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Editora Contexto, 2019[1928].

OLIVEIRA, Hélio. O "Gabinete das Sombras" e a ascensão do discurso negacionista no Brasil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. e427, 2021. DOI: <http://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id427>.

OLIVEIRA, Diogo Lopes de; GOLZIO, Derval Gomes; DE SOUZA, João Pedro Israel. Fake News y pseudociencia: la politización de los discursos sobre Covid-19 en Twitter de Brasil. Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, v. 1, n. 153, p. 271-290, 2023. DOI: <http://doi.org/10.16921/chasqui.v1i153.4678>.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: A nova retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002[1958].

RESENDE, Viviane de Melo; RODRIGUES, Cintia de Freitas. Intersectionality in human rights: a discursive critique to understand clashes between the extreme right and political resistance in Brazil. *Journal of Gender Studies*, p. 1-21, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/09589236.2024.2394549>.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. Tradução Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

VENTURA, Kárin Giselle Ferreira; TAVARES, Raylton Carlos de Lima; RESENDE, Viviane de Melo. Estratégias discursivas de legitimação: experiências em pesquisas sobre feminicídio e ativismo LGBT no Brasil. **MOARA**, v. 60, p. 203-227, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i60.12968>.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017[1929].

WODAK, Ruth; MEYER, Michel. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (Orgs.). **Methods of discourse studies**. Introducing Qualitative Methods series. Los Angeles, Londres, Nova Deli, Singapura e Washington: SAGE, 2015. p. 1-21. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284725923_Methods_of_Critical_Discourse_Studies_3rd_edition. Acesso em: 30 mar. 2024.